

APRESENTAÇÃO - DOSSIÊ

Juventudes, Sociabilidades e Ativismos: Um panorama da produção da Rede de Estudos e Pesquisas sobre Ações e Experiências Juvenis

Marco Aurélio Paz Tella¹
Nécio Turra Neto²

Com muita satisfação e entusiasmo apresentamos o dossiê Juventudes, Sociabilidades e Ativismos: um panorama da produção da Rede de Estudos e Pesquisas sobre Ações e Experiências Juvenis, uma coletânea de artigos de pesquisadoras/es que se propõem a refletir sobre questões relacionadas às juventudes, em suas múltiplas formas de manifestação e existência. As autoras e os autores dos artigos que compõem o dossiê integram a REAJ (Rede de Estudos e Pesquisas sobre Ações e Experiências Juvenis), formada por pesquisadoras/es de diversas universidades do país. Os organizadores do dossiê, membros da REAJ, pesquisam há décadas práticas culturais juvenis. Nécio Turra Neto a partir de uma perspectiva da geografia, Marco Aurélio Paz Tella na ótica da antropologia.

Fundada em 2017, a REAJ foi criada durante o II SEJUV (Seminário Juventudes Contemporâneas), ocorrido em Maceió, nas dependências da Universidade Federal de Alagoas. O II SEJUV foi organizado a partir de uma parceria dos grupos de pesquisa LACC (Laboratório da Cidade e do Contemporâneo), da UFAL e o Guetu (Grupo de Estudos e Pesquisas em Etnografias Urbanas), da UFPB. A parceria entre esses dois grupos já indicava um rascunho de uma rede mais ampla, com a participação de diversos grupos de pesquisas, com o objetivo intensificar o contato entre pesquisadoras/es da temática. Assim, a REAJ se constituiu compreendendo a necessidade do intercâmbio e parcerias³ de pesquisadoras/es que realizam pesquisas nas áreas de antropologia, geografia e sociologia sobre juventudes.

¹ Doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP. Professor associado do curso de Antropologia e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPB. Coordenador do Grupo de Pesquisa em Etnografias Urbanas (Guetu/UFPB). Membro Rede de Estudos e Pesquisas sobre Experiências e Ações Juvenis (REAJ).

² Graduação em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina, Mestrado e Doutorado em Geografia, pela Universidade Estadual Paulista. Professor Assistente da Universidade Estadual Paulista (UNESP Presidente Prudente). Membro Rede de Estudos e Pesquisas sobre Experiências e Ações Juvenis (REAJ).

³ As parcerias têm ocorrido na participação de bancas de exame, na proposta de GTs e mesas redondas em congressos ou reuniões científicas, como ocorreu nas Reunião Brasileira de Antropologia de 2018 e 2020, Reunião Equatorial de Antropologia de 2019. Com um embrião da REAJ, os grupos de pesquisa LAAC e Guetu coordenaram um GT e uma mesa redonda no JUBRA – Simpósio Internacional sobre a Juventude Brasileira, em 2017. Mas as parcerias pretendem publicações conjuntas e pesquisas com alcance nacional.

Esse dossiê é o segundo produto acadêmico da REAJ, sendo o primeiro a publicação do livro “Juventudes contemporâneas - desafios e expectativas em transformação”, publicado em 2020, organizado por João Bittencourt, com artigos apresentados nas mesas redondas por pesquisadoras/es no II SEJUV.

O intercâmbio de grupos de pesquisa e pesquisadoras/es nos permite acesso a experiências juvenis em diferentes contextos, seja em cidades de diferentes escalas, seja em grupos de pertencimentos de diferentes tamanhos e propósitos. Mostra também as diferentes trajetórias de vida de pessoas e grupos que, a partir de microrrealidades, nos ajudam a compreender conjunturas macro.

No sentido inverso de perceber as experiências juvenis como perigosas, desviantes e/ou ameaçadoras, as pesquisas aqui publicadas são um recorte do que vem sendo produzido no Brasil, nas últimas décadas, preocupadas em compreender as vivências e práticas juvenis, a partir de: sociabilidades, corpos, consumo, tempo livre, vestuário, produção artísticas, ativismo político, atividades ligadas ao esporte, lazeres etc. Dessa forma, observar, como nos lembra Pais (2013), como o social se traduz no cotidiano e nas interações.

As experiências e práticas juvenis revelam intensa heterogeneidade nas formas de ser jovem, reflexo dos agenciamentos, processos de identificação e pertencimentos, que delineiam formas de se relacionar consigo mesmo, com o outro, com outros grupos juvenis, com a cidade. São processos que atuam nos estilos de vida, nas formas de ocupar e ressignificar espaços públicos, de reagir às políticas públicas – essas com visão homogeneizante e disciplinadora sobre as juventudes.

Ao romper com uma perspectiva do desvio (BECKER, 2008), pretende-se compreender as dinâmicas juvenis a partir dos processos de interação, reconhecimento e reciprocidade (HONNETH, 2003), da produção cultural, sociabilidades e insurgências. São práticas coletivas protagonizadas por jovens que agem e reagem à realidade posta, em grande parte das vezes marcada por impasses (PAIS, 2009), incertezas, desemprego, violência, discriminação, racismo e tentativas de disciplinar ou normatizar seus corpos e comportamentos. As práticas coletivas investem na interação, no prazer de “estar junto” (MAFFESOLI, 1996), nos afetos, que fortalecem vínculos sociais intra grupo e entre grupos, bem como na busca de visibilidade e transformação social. Os grupos surgem como espaços de proteção, segurança, proporcionando um “*sentido en común sobre un mundo incierto*” (REGUILLO, 2000, p. 14).

A proposta do dossiê vai nessa linha, com a apresentação de artigos que discutem, dentre outras coisas, a função de grupos juvenis em processos de socialização entre jovens, os espaços e práticas de sociabilidade juvenil, as estéticas e ativismo políticos. Mas também no sentido de

interação social com pessoas e grupos que estão em outras fases de vida, numa perspectiva de inserção social ou de conflito geracional, ambos caminhos reconhecidos nos processos de socialização (SIMMEL, 1983). Dessa forma, os/as jovens se inserem em redes de “*relaciones y de interacciones sociales múltiples y complejas*” (REGUILLO, 2000, p. 49).

O dossiê conta com 8 artigos de pesquisadoras/es que simbolizam os grupos de pesquisa que integram e a proposta da REAJ, de colocar em contato diferentes campos de pesquisa com enriquecedoras propostas metodológicas.

O artigo que abre o dossiê tem como autoras as pesquisadoras Ruth Melo e Mónica Franch, ambas da Universidade Federal da Paraíba. O artigo apresenta uma pesquisa etnográfica em um projeto social que, através da prática do jiu-jítsu, visa proporcionar um espaço para que os jovens de um bairro da cidade de Juazeiro do Norte - CE possam disciplinar seus corpos. As autoras problematizam a inserção dos jovens participantes do projeto, que se alinha a ideia de contenção a jovens “em situação de risco”, em dissonância com as motivações que levaram os jovens ao projeto, que passam pelo desejo de se socializarem e estabelecerem vínculos afetivos.

Na sequência, o segundo artigo do dossiê é de Isaurora Martins e Diocleide Lima, ambas da Universidade Estadual Vale do Acaraú, situada em Sobral (CE). As pesquisadoras apresentam uma reflexão sobre os processos individuais e sociais que motivaram jovens negras a assumir seus cabelos crespos ou cacheados, tornando-os símbolos de identidade, resistência e luta por reconhecimento. Com base em relatos e imagens de jovens negras universitárias, Isaurora e Cláudia nos apresentam os indícios que desencadearam processos de autorreconhecimento e a transformação da relação delas com seus cabelos e, conseqüentemente, com a sociedade.

Próximo a esta temática, está também o artigo de Mylene Mizrahi, Amanda Carvalho, Priscilla Mello e Maria Gabriela Alduino, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, sobre como a estética de jovens escolares são performadas e negociadas na escola. Adotando como ponto de partida os marcadores de gênero e de raça, aos quais se agrega também o geracional, as autoras analisam um conjunto de relatos de estudantes, professores, pais e gestores escolares, encontrados em matérias jornalísticas ao longo da década de 2010, procurando evidências das disputas em torno do que é considerado a “estética adequada”. Segundo as autoras, a questão estética remete também a uma ética, a uma forma de auto apresentação de si, que revela pertencimentos e formas de se situar no mundo. Portanto, o modo como os jovens adornam seus corpos para se auto apresentarem não pode ser encarado como algo superficial, visto que portam em si as complexidades das relações sociais. As estéticas corporais são lidas no texto como discursividades políticas.

O artigo das pesquisadora Camila Holanda Marinho, Samara Edwiges Andrade Lima e de Vinicius Cavalcante Santos, da Universidade Estadual do Ceará, busca refletir a memória e o esquecimento, rotulações e processos de multipertencimentos relacionados as experiências juvenis, a partir das trajetórias de vidas de três jovens que passaram por instituições educativas e que tiveram seus pais vítimas de homicídios em Fortaleza/CE. A análise das autor/as discute os caminhos e experiências de jovens em situação de violência que procuram reconhecimento social.

Saindo um pouco do Brasil e indo para Angola, país africano da costa Atlântica, temos o texto de Frank Marcon, da Universidade Federal de Sergipe, que explora o ativismo juvenil, mais particularmente ligado ao grupo Revús (Jovens Revolucionários), com foco no caso que ficou conhecido como 15+2. O autor demonstra como as novas possibilidades conectivas, com Internet e celulares, bem como as redes sociais, potencializam ações políticas entre jovens, que não só têm aí um outro meio de expressão, mas também realizam a manifestação política com outra linguagem, altamente estetizada. No caso 15+2, que foi a prisão de jovens ativistas, as manifestações nas redes sociais destes próprios jovens prisioneiros ganharam repercussão internacional, demonstrando o quanto esta geração digital tem a ensinar em termos de mobilização e ação política em tempos de Internet.

De volta ao Brasil, e indo direto para Salvador, temos o texto de Célio Santos, da Universidade Federal da Bahia, que também analisa agrupamentos juvenis do ponto de vista da ação política, mais especificamente, dos “ativismos socioculturais”, como prefere o autor. Trazendo o caso de duas redes de sociabilidade juvenil que se articulam em torno de saraus em bairros da periferia pobres de Salvador, o autor argumenta que essas formas de agrupamento e ativismo oferecem aos jovens experiências de solidariedade e ajuda mútua e também criam espaços de autogestão, em que vigora a horizontalidade de decisões coletivas. Com base nos modos de acontecer dos saraus protagonizados por jovens, em sua grande maioria, negros e periféricos, na capital baiana, o autor reconhece neles a emergência de novos sujeitos na cena política, que colocam em ação práticas insurgentes que desafiam a cidade.

Dando continuidade, o artigo dos autores Phelipe Caldas, Universidade Federal de São Carlos, e Marco Aurélio Paz Tella, Universidade Federal da Paraíba, analisa uma prática de grupos de torcedores da Torcida Jovem do Botafogo-PB, denominada no artigo de “prática do vai e vem”. Os autores pretendem demonstrar como a torcida se organiza nas arquibancadas, baseada em linhas fronteiriças entre jovens e adultos. Phelipe e Marco Aurélio focam mais detidamente nas fronteiras geracionais, nas características e nas formas de torcer que definem quem são os jovens e os adultos,

que os posicionam dentro de identidades torcedoras específicas, num processo que delimita onde cada tipo de torcedor pode assistir ao jogo dentro do estádio. Onde – e como – eles podem circular.

Por fim, temos o texto escrito por Marcelo Custódio Pereira, Nécio Turra Neto e Antonio Bernardes, os dois primeiros da Universidade Estadual Paulista – Presidente Prudente, e o último da Universidade Federal Fluminense – Angra dos Reis. O texto de caráter mais metodológico apresenta o percurso investigativo realizado por uma equipe de pesquisa em cidades médias sobre o tema da diversão noturna. Os autores entendem que falar em diversão noturna remete a pensar espaços, tempos e práticas de sociabilidade que são majoritariamente juvenis, ao mesmo tempo que reconhecem o quanto a oferta de vida noturna em cidades médias tem formatado as práticas de sociabilidade. Para conhecer a vida noturna, em termos de oferta e consumo, em seis cidades que foram estudadas pela equipe, os autores descrevem os processos de aproximação, exploração e mergulho etnográfico. Por fim, o texto apresenta algumas das conclusões gerais que a pesquisa comparativa no conjunto das cidades permitiu chegar, considerando como as lógicas econômicas e as práticas espaciais ligadas à vida noturna dialogam com a produção de uma cidade cada vez mais desigual.

Com este conjunto de textos, algumas das pesquisadoras e pesquisadores ligados à REAJ apresentam um panorama da sua produção atual, daquilo que os têm instigado e dos campos em que têm investido suas energias críticas e criativas nos últimos tempos. São textos individuais e coletivos, que vão evidenciando as conexões da rede, mas também suas ramificações.

No momento em que se encontra esta agregação de pesquisadoras e pesquisadores, o trabalho coletivo em torno de um dossiê só poderia trazer a diversidade temática e de interesses, ainda que haja entre alguns dos oito textos apresentados um fio condutor que congrega questões raciais e políticas.

Esperamos que num futuro próximo, a densidade das conexões desta jovem rede se amplie e os trabalhos possam revelar maiores convergências, sobretudo, se a REAJ caminhar para a realização de pesquisas coletivas de âmbito nacional.

Referências

BECKER, Howard Saul. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro, Zahar, 2008.

HONNET, Axel. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. São Paulo: Ed. 34, 2003.

MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Petrópolis: Vozes, 1996.

PAIS, José Machado. O cotidiano e a prática artesanal da pesquisa. **Revista Brasileira de Sociologia/Sociedade Brasileira de Sociologia – SBS**. Aracaju, jan/jul, 2013.

PAIS, José Machado. A juventude como fase de vida: dos ritos de passagem aos ritos de impasse. **Revista Saúde e Sociedade**. São Paulo, vol 18, n. 13, 2009.

Reguillo Cruz, Rossana. **Emergencias de culturas juveniles: Estrategias del desencanto**. Bogotá. Grupo Editorial Norma, 2000.

SIMMEL, Georg. **Sociologia**. São Paulo, Ática, 1983.